

Observações ao “*Elucidario*,” do P.^o Santa Rosa de Viterbo

O autor do *Elucidario*, ao coordiná-lo, não pensou somente em arquivar palavras antigas, senão também em apresentar notícias respeitantes á historia das instituições sociais, á da geografia, etc. Por consequência a obra é preciosissimo instrumento de trabalho, sob varios aspectos, tanto mais que grande numero dos documentos lá aproveitados se perderam depois.

Sem embargo, existem nela, tal como veio a lume, muitas cousas dignas de reparo (que podem guiar por falso caminho pessoas incautas), por exemplo, letras trocadas, faltas de til, palavras que nunca existiram: o que tudo resultou de imperfeita leitura de manuscritos, ou de erros tipograficos. Outras advertencias se podem ainda fazer aqui e alem.

Quando consulto o *Elucidario*, costumo, ás vezes, tomar nota do que me parece merecer correcção ou adição: e nas páginas seguintes vou consignar o que tenho notado, porque talvez o leitor o estime.

Já o erudito J. Pedro Ribeiro inseriu nas *Dissert. chron.*, IV-II, algumas observações ao P.^o Viterbo, as quais Innocencio da Silva aproveitou na 2.^a ed. do *Elucidario*, com as que, sobre Numismatica, lhe dera Lopes Fernandes. Com o que publico adiante, não fica de modo nenhum depurada a obra de todas as inexactidões que encerra. Oxalá, portanto, que mais alguém continue a revê-la, e aperfeiçoe o meu modesto e sucinto trabalho.

A

A (§ n.^o 4). — A afirmativa de que nos nossos documentos latinos se encontra *talam*, por *talem*, e outras palavras com *a* por *e*, foi refutada por Delfim d’Almeida, *Glossario*, p. 4, § IV.

(§ n.^o 10). — J. P. Ribeiro, *Observ. hist.*, p. 149, dá outros exemplos de assinaturas em que as vogais estão representadas por algarismos.

aade. — Uma fôrma anterior foi *âade*. De *ânatem*.

aaporcima, finalmente. — A duplicidade do *a* inicial pôde ser etimologica; cf. *aacima* no proprio *Elucidario*, e hoje *ô p'ra cima* (= ao p'ra cima) no Douro. — A palavra *algwas* emende-se em *algûas*.

aaso. — Com melhor grafia traz Viterbo mais adiante *azo*, com *z*, e *aazador*.

abarca (calçado). — Cf. *avarca* nos Costumes de Alfaiates: *Leges*, I, 802. Vid. infra *avarca*.

abaregada. — Pela explicação que dá, deve ler-se *abarregada*.

abarga, lugar de pescaria. — Cf. G. Barros, *Hist. da adm.*, III, 47, 49; IV, 149.

Abaritam. — Palavra formada de *Abiron* e *Datan*, na pronúncia popular e descuidada.

abarrisco. — Moraes decompõe em *a barrisco*, s. v. «barrisco», e propõe, como variante, *borrisco*. Jeronimo Cardoso, citado por Moraes, traduz *abarrisco* pelo latim *promiscue*, o que não combina com a definição de Viterbo: «com abundancia». Cf. hesp. *aburrisco* «sin consideración nin reparo», o que nos leva longe do *borrisco* de Moraes.

abesso. — A carta d'Egas Moniz, onde vem esta palavra é apocrifá. Apesar disso o *Novo Dicc. da ling. portug.* admite a palavra como novidade lexicologica.

abondo. — «Vem do latim *abunde*, ou *abundanter*», diz Viterbo, o qual acrescenta que a palavra aparece frequentemente pelo sec. XIV. Em vez de *abunde* poderá antes propor-se *abundo*, como eu já disse na *Rev. Lusit.*, IV, 334, e o Sr. J. J. Nunes aceitou na sua *Gram. hist.*, p. 355. No Alentejo diz-se ainda hoje *avondo*: vid. *Rev. Lusit.*, no cit. lugar, e em II, 44. No Algarve diz-se *avonde*: vid. J. J. Nunes in *Rev. Lusit.*, VII, 109; pela minha parte, ouvi no Algarve tambem *avondo* (Mexilhoeira), em frases como «o dinheiro não dá *avondo*»; o *à* faz presupor que o etimo seria aqui **ad abunde* e **adabundo*, com *ad* preposto, fôrmas que não seriam mais estranhas que em dialectos de Italia *piunda* (com adjunção de plus), e *purunda* (com adjunção de per), citadas no REW de Meyer-Lübke, § 53. — *Abundo*, de *abundus*, 3.

abrutella, «o mesmo que *arotêa*», terra aberta de novo, desbravada; . . hoje dizemos «*rotear* uma charneca». — Como Viterbo considerava *arotêa* formada de *a* + *rotea* ou *rotear*, deve ler-se *arrotea*, que é de facto a pronúncia actual. O *Novo*

Dic. da ling. portug. explica *arroiteia* como provindo do baixo-latim *arruptela*, do lat. *ruptus*. Deve notar-se que o *baixo-latim*, aqui parece que no sentido de *latim-barbaro* (que, porém, não equivale àquele), não é fonte etimologica tão abundante como o autor do *Novo Dicionario* e outras pessoas frequentemente supõem; as palavras escritas em latim barbaro são em grande numero de casos meramente palavras românicas alatinadas: como hade pois partir-se d'elas? A explicação que julgo exacta é esta: *arrotear* ou *rotear* deriva de *roto* (chão) ou *rôta* (terra), por intermedio do sufixo *-ear*, que apparece tambem em *aformosear*, *afear*: do verbo *arrotear* veio *arrotêa* como substantivo verbal ou deverbal; cf., quanto á formação, *guerrêa*, de *guerrear*. De substantivos verbais ou deverbais me ocupo nos *Opusculos*, I, 411 ss. O verbo *arrotear*, por conter prefixo e sufixo, pertence á classe dos vocabulos que os filologos chamam parassinteticos.

acado. — Leia-se *achado*.

acedares. — Vid. G. Barros, III, 50, nota 1, onde cita *cedares*. A significação de *cedar* deve ser analogá á do lat. *cetarium*, viveiro de peixes; mas o etimo só pôde ser **cetare*; cf. port. *pomar* <> lat. *pomarium*, e lat. *altare* a par de *allarum*.

aceecer, caber, tocar por sorte. — Provém de *acaecer* «acontecer», e deve pronunciar-se *aqueecer*, do lat. **cadescere*, fórma incoativa de *cádere*, em lat. vulg. *cadére*.

acequia ou **aceca**, charco, etc. — Leia-se *acéquia*. D'aqui veio o nome geográfico ACÊCA, que se escreve erradamente *Asseca*.

acetere. — Leia-se *acétere*. Diz Viterbo: «vem do latim *acetrum*, vaso ou panela de cobre ou de outro metal, apud Du Cange». Mas *acetrum* não é latim, é mera latinisação medieval de uma palavra românica: hesp. *cetre*, catalão *cetri*, portug. *acétere*. De origem arábica: vid. Eguilaz y Yanguas, *Glosario*, sub voce.

achacar. — Vid. tambem *Inquisitiones*, p. 779.

acuciar. — Cf. *aguçar*.

achadégo. — Leia-se *achádego*. — Cf. *Rev. Lusit.*, XXI, 187.

achatar. — Leia-se *acatar*. Do lat. **accaptare*, que tem vasta prole românica: Meyer-Lübke, REW, § 65.

achacer. — Leia-se *acaecer*.

acitara. — Definição demasiado extensa, como já notou J. P. R., *Diss. Chron.*, IV-II, 108-109. Cf.: Du-Cange, *acitara*; e A. Castro in *Rev. de Filolog. españ.*, VIII, 14.

acolantro, o outro. (Vem no *Dicc. portatil*). — Será erro por *acolautro*, que Viterbo encontraria em documento latino. Está por *acoloutro* ou *aqueloutro*, com quanto Saco Arce, *Gramat. gallega*, p. 60, tenha *autro* a par de *outro*. Com *acoloutro* cf. *acolá*.

aconocimento. — Leia-se *aconhocimento*.

acoomhar. — Leia-se *acoomiar*. Em português antigo o *h* representa muitas vezes a semi-vogal *i*.

açofar. — Leia-se *açófar*. Cf. hesp. *azófar*, latão.

açorar-se, apressar-se, correr ou andar em busca de alguma cousa. — De *açor*, ave de rapina empregada na caça, na idade-media. Cf. hesp. *azorar*, no *Dicc. de la Acad. Españ.*, onde já se dá esta explicação.

Açores, na Beira. — A inscrição a que alude Viterbo ainda ha poucos anos a vi *in loco*. Esta foi publicada por Hübner nas *Inscript. Hispan. Christianae*, n.º 328.

acrejo, *acrèdor*. — Infelizmente Viterbo não transcreve o trecho em que esta palavra aparece. Ela é bem singular.

acuciar, dar pressa. — Cf. hesp. *acuciar*.

adema, **adémia**. — Em docc. do sec. XIII citados por J. P. Ribeiro, *Diss. Chron.*, v, 376, 389, etc., ha tambem: *ademha*. No onomantico ADEMÁS.

adail. — Vid. **azaga**.

adente. — Não de *deincepas*. Cf. pop. *adiente*.

ader, acrescentar. — Do lat. *addere*.

aderado, justo preço, «preço aderado», e em doc. lat. do sec. XI: *pretio aderato*. — Do lat. *adaeratus*. Cf. hesp. *aderar*. Deve ser palavra medieval, senão o -d- da 2.ª silaba teria caído.

adergar, acertar, etc. — Cf. pop. *adregar*, acontecer.

adiceiro, trabalhador de mina. — Cf. *Leges et Consuet.*, I, 286.

admenas, alamedas. — Viterbo desenvolve muito a explicação de uma palavra que encontrou num documento latino. Ele acrescenta que não deve entender-se *ameias*; mas é isso o que parece, pois o texto diz: *cum suas admenas in giro*. O *Novo Dicc.* cita tambem *admena*, porém não diz d'onde é.

adta, até. — Entenda-se *atá*, fôrma arcaica.

adua, certa imposição de dinheiro, etc. — Vid. a correcção que fez Herculano, *Hist. de Portug.*, III (5.ª ed.), 90, nota 1.

aducho, -a, testemunha aduzida, etc. — Palavra de origem hespanhola.

adugar, conduzir ou fazer aparecer. — Viterbo traz o verbo

no *Dicc. portatil*. Entenda-se que, tendo lido *aduga* (no conjuntivo), do verbo *aduzer*, lat. *adducere*, conjunt. *adducat*, deduziu d'ái inexactamente *adugar*. Também ele de *joure* deduziu sem razão *joucer* e de *arça* deduziu *arcer*. Já Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Ineditos*, I, 299, fez a este proposito sensata observação, desconfiando da existencia de *adugar*. Vid. também Moraes, s. v. *aduga* (3.^a pess. do sing. do conjuntivo); ele supõe o verbo *aduzir*, mas o verbo arcaico é *aduzer*. Apesar do que diz a razão filologica, e do que se lê em Moraes, e S. Boaventura, o *Novo Dicionario* (1913) mantém *adugar*! [No *Pequeno Dicc.* já não] Temos *aduzer*, *adusse*, *adusserom*, *adugas* na *Demanda*, p. 34, 35, 37, etc.; temos *adugam*, 1356, nos *Docc. do Souto*, n.º 60, e, sec. XV, nas *Leges*, I, 214; *adusser* ibidem, p. 228; o proprio *Elucidario*, t. II, p. 118, traz «quem quer que *aduga* prata», e t. I, p. 60, *aduzer*.

adur, velhacaria, etc. — Deve ser o mesmo adverbio que vem em 2.º lugar; cf. *aadur* no Supplemento.

afruitenegar. — Lede *afruitenegar* = *afruitavegar*, de fructificare.

afumado (Chaves). — O que diz Viterbo na definição, — limite afumado, reduzido a cultura —, não será exacto. *Afumado* em Moncorvo significa «arredores d'uma povoação», isto é, d'onde se avista o fumo d'esta. Assim ouvi lá. Cf. também Moreno in *Rev. Lusit.*, XIII, 110: «afumados: arredores, arrabaldes, ex.: *Carviçaes tem bons afumados*». Nas *Memor. de Bragança* do P.º F. M. Alves, t. I, p. 251, diz-se que *afumá-dego* era certo direito antigo, e acrescenta-se: «o nosso povo ainda hoje intende por *afumádegos de um povo* as hortas, quintas e outras propriedades que o cercam» (p. 252). *Afumádegos* nunca ouvi neste último sentido, só *afumados*. Temos aquí um curioso fenómeno sematologico. Assim como o lar ou lume, *focus*, caracteriza uma casa, d'onde vem a expressão «tantos fogos» para indicar «tantas casas», ou «tantas familias» (cf. também o arc. *fogueira*), assim também o fumo. De Ulisses, cativo na ilha de Calipso, diz Homero que desejava ao menos ver o fumo da sua terra: na *Odisseia*, I, 58-59. O mesmo se lê em Ovidio:

... optat

Fumum de patriis posse videre focis,

Pont., I, III, 33. Temos nestes trechos as duas ideias a que acima me referi, de *focus* e *fumus*.

aga. — Leia-se *aja*. Na ortografia antiga ocorre muitas vezes *g* por *j*.

agilhada. — Lede *aguilhada*. Não faltam exemplos antigos de se ortografar *gui* por *gi*.

Agostia. — Lede *Agostia*.

aguçoso. — Cf. *Leges*, I, 293, sec. XV.

agugala. — Foi pena não citar o texto.

aguso. — Lede *ajuso*.

ahinco. — É palavra hespanhola.

Alcobaça, vila. — As inscrições romanicas que Viterbo transcreve foram acolhidas no *Corpus*, II. O tumulto que figura gravado na taboa ou estampa *v* está hoje no Museu do Carmo, e tem sido reproduzido várias vezes, ultimamente nas *Religiões da Lusitania*, III, 381.

alcorcova. — Deve ler-se *alcórcova*, pois com essa palavra se relaciona a moderna *alcorca* (Estremadura).

Alcoucez ou **Alcovez.** — É ainda hoje *Alcovez* um nome de vento: vid. *Lições de Philologia*, 2.^a ed., p. 415, e nota 1, 429, e cf. 519. (Alcoucez estará por *Alcouez*).

aldêa. — Cf. *Leges*, I, 427, 606; II, 4. Vid. também Herculanó, IV⁵, 321, e o índice das *Leges*.

aleixar-se, pôr-se ao largo. (No *Dicc. portatil*). — Cf. hesp. *alejar*, de *lejos*: do lat. *lassus*. Vid. REW., § 4956.

alfambar. — Nas *Leges*, I, 867 (texto leonês-português) ha *alfamar*, como em hespanhol moderno: assimilação de *b* á nasal precedente, pois que o etimo é *hanbal*, vid. Meyer-Lübke, *Et. Wb.*, n.º 4027.

alfanche. (No *Dicc. portatil*). — Cf. *Dipl. et Chart.*, n.º 370 e p. 231.

alfaunque. — Cf. *Leges*, I, 989 e 936 (Costumes leoneses), e em hespanhol moderno, «redentor de cautivos».

alfonsis, moedas. — É bastante errado o que aqui diz Viterbo, pois o *alfonsi* ou *grosso* ou *real grosso* é moeda de prata de D. Afonso V. Vid. também Aragão, *Moedas*, I, 441 (morabito *affonsi*; dinheiro *affonsi*).

alhus. — Se não é erro por *alhur*, poderá entender-se por *alhur(e)s*.

alima. (No *Dicc. portatil*). — Leia-se *álima*.

alios. — Em *li* temos mera ortografia por *lh*.

almalo. — Já João Pedro Ribeiro emendou em *almalho*, vid. *Diss. Chron.*, IV-II, 110: interpreta *almalho* por «novilho». Vid. também o índice das *Leges* (s. v. *almalio*). A pala-

vra existe ainda hoje no Alto-Minho sob a fôrma *armalho*, que significa «boi inteiro», como eu disse no meu opusculo *Uma excursão a Soajo*, 1882, p. 33. Em galego ha *almalho*, «toro jóven, eral, novillo de dez años» (Valladares, *Dicc. gallego*). O etimo está em animalia, tornado masculino.

(* **almarcova**, cutelo. — Na 2.^a ed. acrescenta Inocencio esta palavra dizendo que é do sec. XVI. Ela porém já vem nas *Leges*, II, 97, sec. XIV ou XIII).

almeitiga. — Vid. outros textos nas *Inquisitiones*, I, 77 (sec. XIII), 143, 295, 491, 583.

almoqueire, almoqueves (sic). — Vid. tambem *Leges*, I, 356 (*almoqueri*), 492 (*almoquéver, almoquevaria*).

alpende. — Leia-se *alpénder* «alpendre».

alquiar. — Vid. tambem *Leges*, I, 733.

alvende. — Tem uma nota de J. P. Ribeiro. Vid. tambem *Dipl. et Chart.*, n.º 5 e 6; e cf. A. Sampaio, *As «villas» do Norte de Port.*, p. 40.

amadígo. — Leia-se *amádigo*. Vid. *Rev. Lusit.*, XXI, 187, nota 2.

amágo, ameaço, terror. — Nome verbal correspondente ao hesp. *amagar* «levantar en ademán de herir».

amatar, II. — No doc. citado *sub voce*, leia-se *deejros* como *dēeiros* «dinheiros».

ambiciar. (No *Dicc. portatíl*). — Cf. a mesma palavra em hespanhol antigo.

ambróó. — Deve estar por *ambrão*, vid. **ambrom, amprom, e anpróóm**.

amentar, II. — Vid. o que diz o *Dicc.* de Moraes.

amolhoar. — Cf. **amalhar** e **malhoín** nos seus lugares.

amoorar. — Cf. *Inquisitiones*, I, 738, col. 2.^a

amos, ambos. — É ainda hoje popular: *amos de dois*.

amprom. — Vid. **ambróó**. Já Ribeiro notou que o etimo está em pronus; com quanto ele negue ou pareça negar que houve *ambróó*, e suponha que só houve *amprom*, o *b* de *ambróó* ou *ambrão* póde explicar-se por *a prono*. A nasal provém de *in*, em *in prono*; cf. noutras linguas romanicas: *improna, imprú, emparun* (em Meyer-Lübke, *Et. Wb.*, § 6779). Teríamos pois: **abrão + in prono = ambrão* ou *amprom*. Cf. *anfesto*.

anadel. — E *anadat*: G. Barros, III, 880.

anafragar. — Vid. o indice das *Leges*, e cf. Meyer-Lübke, *Et. Wb.*, § 5854, onde cita outros trabalhos.

andada. — Usa-se ainda na Beira (o A. era beirão).

andajem. — Cf. J. P. Ribeiro, *Diss. Chron.*, IV-II, 135.

Andere. — Provavelmente *Andree*.

anfesto. — Por *an-festo* (é *festo* de origem germanica <> al. first: vid. Meyer-L., *Et. Wb.*, § 3321).

angueiras. — Cf. *Leges et Cons.*, I, 418, 646 (*angeria*) e 792 (foral leonês de Alfaiates).

aninia. — Creio se leria *anhinha*.

anneisam. (No *Dicc. portatil*). — Leia-se *anneixam*.

anóveas. — Leia-se *anovêas*.

anta, antas. — São monumentos prehistóricos (sepulturas): vid. *Religiões da Lusitania*, I, 25 (-26), nota 1.

antifaal, antifonal, livro das antiphonas. — O etimo deve ser *antifâal* por **antiphanal*, de **antiphana* por *antiphona*.

antreliar. — Por *antrelīar*, cf. *autrelinhadura*.

antreluiado. — Êrro por *antrelinado* = *antrelīada*. Tomou-se *in* por *ui*.

aona. — Por *a(d)ona*: vid. Cornu, *Dic. port. Spresche*, § 176.

apartar dos bens. — Cf. J. P. Ribeiro, *Observ. historicas*, p. 115-118.

apeiro. — A expressão *á sua geira*, que alterna com *soeira* (> *sojeira*) foi pelo S.^{or} Epiphânio Dias corrigida em *á sojeira*; vid. ed. de C. Falcão, p. 101. Também nas *Leges*, I, 713 (trad. do sec. XV), se lê «coelheiro que for *a ssuageira*».

apelido. — Vid. o que diz Herculano, *Hist. de Port.*, IV, 83.

aplaso. — Certamente *aplazo*.

aportellado. — Mal definido, diz Herculano, *Hist. de Port.*, IV, 182, nota 2.

apostila. — Nas *Leges*, I, 669, *apostilia* = *apostilha*.

apreciadura. (No *Dicc. portatil*). — Outro exemplo nas *Leges*, I, 87, sec. XII.

apresso, aprendido ou sabido. — Isto é: *apreso* < *apprehensus*.

aprodeiro. (No *Dicc. portatil*). — Cf. hesp. *aprodar* «aprovechar». De *prod(e)*.

aqó. — O mesmo que *acó*.

aquaecer. — O mesmo que *acaecer*.

aradoiro. — Vid. *Inquisit.*, I, 523: «aradoiros ferri».

aral. — Vid. também *Leges*, I, 733 (*arale*), e J. P. Ribeiro nas *Diss. Chron.*, I, 245. Deriv. de *arar*.

aramio, terra que lavra em um dia. — Cf. hesp. *aramia* «tierra labradía».

Aravor, cidade. — Não houve nenhuma cidade lusitana

chamada *Aravor*; o que houve foi *civitas Aravorum* ⁽¹⁾, que numa inscrição romana de Marialva, transcrita por Viterbo com outras no artigo que estou analisando, se diz abreviadamente: CIVITAS ARAVOR = Aravor(um). Da abreviatura «*Aravor*» tomou Viterbo erradamente *Aravor*. Este fantástico *Aravor* passou para Pinho Leal, s. v. «*Marialva*». — As inscrições romanas foram acolhidas no *Corpus*, II.

arcer. — Viterbo leu *arçam* e *arça* em dcc. do sec. XIII e XIV, e d'aí deduziu erradamente *arcer*, quando o verbo é *arder*; o conjuntivo assenta no lat. *ardeam*. — É curioso que o autor do *Novo Dicionario* acolhesse o verbo inventado por Viterbo, imaginando *arcer* por *arser*, do latim *arsus*! O mesmo A. cita um passo de Gonçalves Dias com *arço*, que não é mais que o lat. *ardeo*. A consoante *d*, precedida de consoante ou ditongo, e seguida de semi-vogal, deu *ç* em português: já nas minhas *Lições de Philologia* (1911), anterior ao *Novo Dicion.* (1913), eu citára, a p. 35, *arço* < *ardeo*; cf. *ouço* < *audio*. [No *Pequeno Diccion.* não vem a palavra].

areatica, a que Viterbo dá como sinonimo *eiradiga*, *eiradega*, etc. Mas todas estas palavras são proparoxítonicas.

arenzadas, certo número de *arenzos*. — Também nas *Leges* se lê *aranzada* e *arençada*: I, 867 e 736 (sec. XIII).

arenzo. — Cf. nas *Leges*, I, 455: «den in portádigo 1 *arenco* et de ce caualo 1 *solidum* . . de asino vel bove 6 *denarios*». Temos *arenco* = *arenço*, que faz presupor como etimo **aregenteu-*, de *argentum* (cit. no REW. de Meyer-Lübke, § 640, por *argentum*). A propósito de *arenzo* transcrevo a seguinte nota que o Sr. G. Barros me deu num papelinho: «aliás *arenco* (foral de Gouveia: 1186). *Arenzo*: foral de Linhares, 1169, p. 395 [das *Leges et Consuet.*]; Posturas de Coimbra, 1145, p. 744. Ver o *Elucid.*, vb. *arenzo*, principalmente no Suplemente, advertindo que o documento de Oviedo ahí citado é do sec. XIII e não XII. As *arenzadas de vineis* refiro-me no tomo III [da *Hist. da adm.*], p. 553, no fim [isto é, na nota]». — Nos *Orígenes del españ.*, p. 279, define Pidal *arenzadas*: «cantidad que se puede comprar por un *arienzo*, como *dinerada* y *maravidada* significaban cantidad de comestible que se compraba por un *dinero* o un *maravedi*». Quanto aos dois últimos vocabulos vid. também Viterbo, s. vv.

(1) Isto é, *civitas* ou «comunidade dos *Aravi* ou *Ara-vos*», povo iberico de que ha outras noticias (cf. *Arevaci*).

argaans. — Cf. hesp. *argana* «especie de angarrillas».

arredar. — Num doc. de 1302 diz-se: «hum seu criado, que é *aalemtego* (= aalem Tejo)». D'aqui se vê que então ainda se percebia o sentido da preposição *aalem*, não encorporada no respectivo substantivo, como hoje. Cf. o que escrevi n^o *Arch. Portug.*, XXI, 189, nota 2.

arreigado. — Vid. outro exemplo (sec. XIII) nas *Leges*, II, 42.

arrelde. — Nas *Leges*, I, 462, lê-se *arredel*, plur. *arredes* (sec. XII), isto é *arrédel*, *arrédes*. Do arabe: vid. Dozy & Engelmann, *Glossaire*, p. 201 (<> *arratel*).

arricaveiro. — No doc. de Tomar, de 1217, citado neste artigo, emende se *arrotovas* em *arrocovas*. Foi êrro tipográfico; o proprio P.^o Viterbo emprega mais abaixo *arrocovas*. No mesmo artigo se menciona *Here* (baixo-latim) «milicia, expedição, etc.»: é palavra germanica (alto-alemão médio *Here*, alemão moderno *Heer*).

arriel. — Diz Viterbo que «havia *arrieis de orelhas*, que eram uns anneis de ouro grossos, e largos, que d'ellas pendiam, e de que os mesmos homens usavam». Provavelmente tem em mente o seguinte passo de Barros, *Decadas*, I, liv. 2.^a, cap. 2 (citado por Moraes no *Dicc.*, sem transcrição): «um escudo com .. tres cabeças de Negros, cada um com tres *arrieis d'ouro* nas orelhas e narizes».

arrinhos, *areaes* e *enseadas*, onde he facil e copiosa a pescaria dos saveis e lamprêas no rio Douro. Assim diz Viterbo, mas deve ler-se *areinhos*. Ainda hoje ha na margem esquerda do rio, perto do Porto, um sitio chamado o AREINHO ou *Ariinho*; e numa *Planta da Foz do Douro até Quebrantens* por Luis Gomes de Carvalho († 1829), a qual comprei para o Museu Etnologico, figuram-se em meio do rio tres ilhotas de areia com a designação de «Areinhos». Nas *Leges*, I, 663, sec. XIII, lê-se, com fórma alatinada, *Arinio*, que deve ler-se *Ariño*; cf. ibidem *Arino*. Do rio Minho diz analogamente Baldaque da Silva, *Pescas em Portugal*, p. 7, que ha nele bancos de areia, chamados *areinhos*. O etimo está em **areninus* (correspondente a *arenosus*, *arenatus*), adjectivo que se substantivou.

arruniado. — Na expressão *Kastro Arruniado*: ou *arruniado* está por *arruinado* ou *arruinado*, ou está por *arruinado* (ni = nh). Em todo o caso o sentido é o mesmo: «arruinado». Deve entender-se que temos aqui as ruinas de um «castro» ou *oppidum* da Lusitania.

árvido. — No doc. aí citado está *conpoomdores*: deve ler-se *conpoemdores* (1318).

aseção. — Isto é: *a-seção*. A parte *-seção* póde explicar-se por **seditiolum*, de **seditium* por *sedimen*, etc. (cf. *exercitium*), tendo passado por *seeção*: cf. *paação* < *palatiolum*. Segundo o que digo, a palavra *aseção* deve ler-se *asseção*.

aseitamento. (No *Dicc. portatil*). — De *aseitar*, armar ciladas. — Isto é: *asseitar*, de **asseditare*, por *assediare*, de *assédium*, palavras do latim medieval, representadas noutras línguas românicas.

assomar, ainda se usa na provincia de Traz-dos-Montes, por chegar-se a uma janella, etc. — Tambem a mesma palavra se usa no Alentejo.

assunar. — Leia-se *assuar*. Cf. D. Carolina Michaëlis in *Rev. Lusit.*, 1, 117 ss.

astil, medida agraria. — Um exemplo de 1260, de Torres Vedras, em G. Barros, *Hist.*, III, 184, nota: *hastilia* («*hastins*» ou «*hastis*»).

astrego, obrigação, vem do latim *adstringo*. — Poderá ser de **adstringulum* > **astregoo*; cf., quanto ao sentido, *vinculum*, *cingulum*, quanto á fôrma, **cigla*, que deu *cilha* (apesar do que diz Meyer-Lübke no *Et. Wb.*, § 1926: cf. os meus *Opusculos*, I, 511-512).

atanças, até. — Na 5.^a ed. do *Diccion.* de Moraes cita-se «*atances*, até: no *Livro de Noa St. Cruz de Coimbra*». Na lingua moderna só conheço *atances* ou *atances* na lingoagem da raia beirã, porém no sentido de «*então*»; cf. o português antigo *entonce* (de in-tunce).

ateigar, estimar os frutos. — Já Ribeiro anotou isto. — Vid. *ataygatus* e *ateygatus* nas *Leges*, I, 599, 639 e 658.

atimar. — Lede *acimar* (fusão de *c* em *t* no manuscrito).

atrenado, tres vezes em dobro. — Por *aternar*, de *terno*, lat. *ternus*.

atuno e autuno. — Novidades, renovos, colheita de trigo, cevada, e centeio. «Em algumas partes da Beira-Alta ainda hoje se chamam *outonos* as novidades, e colheitas dos ditos tres frutos»; *atuno* é fôrma descuidada de *autuno*, uma e outra do latim barbaro; cf. na lingoagem popular *Águsto* por *Augusto*. Nas *Leges*, I, 479 (sec. XII): «hoc est *autunus*, triticum, ordeum et centenum», e na respectiva tradução portuguesa (antiga): «o melhor *outono* é este, triigo e cevada e centeo, e da segunda de .. milho e payço (= palço)», p. 480.

Nas *Inquisit.*, I, 71, col. 1.^a: «dant inde quartam de *octuno* et terciam de milio»; *laborant octonum, laborant milium*, ib., col. 2.^a. Nas mesmas *Inquisit.*, I, 298: «dam al Rey de quanto lavram: tertio de *outono*, et meyo de milo»; ibid., p. 638: «medietatem milii et terciam *outoni*». Ainda hoje é corrente em Baião a palavra *outono* no sentido de «cereaes» (como lá ouvi várias vezes): «semear os *outonos*». Cf. também A. de Azeredo in *Rev. Lusit.*, XI, 201.

aufesto. — Deve ler-se *anfesto*; vid. supra.

augouas. — Entende-se *águoas*.

aureo, moeda. — Vid. Aragão, *Moedas*.

ausidua, o mesmo que *ousia*. — A palavra *ousia* vem de absida, mas *ausidua* pressupõe *absidula, por *absidicula*, que se encontra no latim medieval.

avarcas. — Vid. *abarca*, supra.

aveela, caminho estreito. — O mesmo que hoje dizemos *viela*. Deminutivo do lat. *vīa*, com protese de *a*.

avenhir. — Lede *avēir*.

avidas. — Erro por *andas* = *andas*. (Em *andas* tornou-se *m* por *ui* = *vi*).

avidor. — Provavelmente soava *avīdor*: vid. «avindor».

avizamento. — Deve ser com *s*.

avoenga, I. — Com o que diz Viterbo e J. P. Ribeiro na observação que faz àquele a respeito da relação da *avoenga* com os morgados vid. G. Barros, *Hist.*, III, 649, nota 2. — E vid. o índice das *Leges*.

avolenga, o mesmo que *avoenga*. — É *avolenga* forma latina; cf.: «nec de *avolenga* . . per *avolengario*, nas *Inquisitiones*, I, 900 e 901, e passim.

axente, «assim chamam a prata; vem do latim *argentum*». — O -e mostra que a palavra não é portuguesa; cf. *argente* em *El Libro de Alexandre*, 1225 (*de oro e dargente* em rima com *yente* etc.), a par porém de *argent*, 811 («el exe de fin *argent* que cantasse melhor»).

ayrão, ramo de flores de pedras finas, penacho. — Cf. hesp. *airón* (especie de garça e penacho), fr. *héron*. São palavras de origem germanica.

azaga. — Para o estudo d'esta palavra vid. Herculano, IV, 417 e nota 1, e o índice das *Leges*, s. v. *azaga*. Nos textos lê-se também *zaga*, *çaga*, e *açaga* (que é a pronúncia de *azaga*). — Vid. também no *Elucidario* «*açaga*».

azaria. — Vid. o índice das *Leges et Consuet.*

azes, corpo de um exercito bem ordenado. (No *Dicc. portatil*). — É meramente o plural de *az*, do lat. *aciem*.

azimela. — Fôrma alterada de *azêmela* (*azemola*, *azemala*), de origem arabica. Vid. Dozy & Engelmann, *Glossaire*, p. 33.

azoreira. — Diz Viterbo que em Tras-os-Montes nao faltam povos, quintas e sítios de terras com o nome de AZOREIRA; deve entender-se *Açoreira*, que julgo palavra derivada de *açor*, como ANGUIEIRA, de aguia, etc.

azude. — Leia-se *açude*.

B

B. — Diz Viterbo que se encontra em documentos B por P; dos exemplos que ele produz, vê-se porém que não é B simples por P simples, mas aquella letra ligada a outra consoante (BT por PT, BL por PL, BS por PS). Tenho tambem encontrado muitos exemplos. — Quanto ao fenomeno inverso que ele nota, é analogamente PD, PT; e ao mesmo tempo B intervocalico por P. — Na palavra *Kabmnia* por *Calumnia* não ha, como diz, B por L; tomou-se *bm* por *lum* (êrro de leitura). — Em *jubsio* ha BS por SS, visto que *iussio* vem de *iubeo*.

Babilom, apelido do sec. XIII. — Ha outros exemplos no *Onomastico* de Cortesão. Parece ser a palavra latina Bábylo, -ónis, que originariamente significa «habitante de Babylo-nia». Se a palavra tem a estirpe que indico, é curiosa a seguinte coincdencia semantica. Nos *Adelphi* de Terencio, 915 (cit. por Georges, *Lat.-deutsches Wb.*, s. v.), a palavra *Babylo* passou a ter a significação de «homem de riqueza e luxo orientais, nababo» ⁽¹⁾; ou no Brasil do Norte, como diz o *Novo Diccionario da l. port.*, o adjectivo *Babylonio*, que é afim do lat. *Babylo*, significa «muito grande, formidavel»: coincdencia que é facil de compreender, por causa da fama e gloria da cidade de *Babylonia*, nome que até figura em um conto popular nosso ⁽²⁾.

⁽¹⁾ O mesmo havia já dito De-Vit, *Onomasticon*, s. v. «Bábylo».

⁽²⁾ Por exemplo, em Adolfo Coelho, *Contos popul.*, Lisboa 1879, p. 34.

bacharel. — Acêrca da origem d'esta palavra vid. o moderno *Etym. Wb.* de Meyer-Lübke, § 863. A origem immediata da fôrma portugueza está na franceza antiga *bachelor*; analogia origem têm outras palavras nossas ligadas com a transmissão da civilização, como *chanceler* ou *chançarel* (arc.), *dião* ou *adação* (arc.), *chantre*, *chapeu*, *vergel*, *jardim*, *granja*, *joia*, algumas d'elas vindas talvez com os monges.

bacinete, chapeo de ferro ou aço para defender a cabeça das armas offensivas. — Tem tambem origem franceza: de *basinet*. Quanto ao *c* por *ss* cf. *centinela* nas *Lições de Philologia*, p. 373-374.

baculo, vinha, bacelo. — Deve ler-se *bacello* (tomou-se *u* por *el*).

badounas, redenhos dos intestinos. — Lede *bandouuas* (=bandouvas), correcção já feita pelo S.^{or} Epiphanio Dias, *Obras de Falcão*, p. 101. O proprio Viterbo se encarrega de tacitamente se emendar, pois acrescenta: «hoje se diz *bandoubas*». Vid. tambem Moraes, s. v. «bandouba».

bafordar, no jogo das armas. — Tirar lanças por alto. — Uma nota ms. do S.^{or} Epiphanio Dias num exemplar do *Dicc.* de Moraes, que possuo, diz: «no sec. 12 e 13 é = justar com lança». Viterbo cita tambem: *bofordar*, e com o substantivo (em latim barbaro) *bufurdium*, que deve entender-se *bufurdo* ou *bofordo*. Outras lingoas romanicas apresentam analogia variedade de fôrmas: fr. ant. *bouhourder*, prov. *bahordar*, hesp. antigo *bohordar* e *bohordo*. O etimo é germanico. Vid. sobre isto Meyer-Lübke, *Et. Wb.*, § 1098.

Balata, campo de Vallada, entre Santarem e Lisboa. — Cf. G. Barros, *Hist. da admin.*, IV, 65.

balugas, borzeguins. — Cf., quanto ao sentido geral de envoltorio ou receptaculo, *baluga* «vagem já grande de qualquer leguminosa» (Obidos, Cadaval).

baralar e baralas. — Pronuncia-se *l* como *lh*.

barata, permutação. — Cf. J. P. R. *Dissert. Chron.*, t. 1, doc. n.^o 66: *mala barata* a que corresponde hoje *malbaratar*.

barcadiga, barcada. — Lede *barcádiga*.

barim, buril de ourives. — Será antes *burim*? cf. o fr. *burin*.

barrarios. — Tambem no foral de Salvaterra, de 1199, se lê: «montes et flumina sint concilii et venarii et barrarii» (*Leges*, I, 617).

barraza e baraza, armadilha. — Cf. *baraza* nas *Leges et Cons.*, I, 367, e *baraca* (= *baraça*), p. 462.

barregueiro, o que tem *barregãa*. — Cf. «*barreg(u)eiro casado*» num doc. do sec. XVI nas *Diss. Chron.*, IV-II, 170.

barreiras, I, parece ser o mesmo que verteduras (do vinho). — Não será *borreiras*? (quantidade de *bórra* (de vinho, d'azeite, etc.)). A palavra *borreira* não está ainda arquivada, parece: conheço-a de várias terras (Beira, Algarve).

barro, lugar pequeno. — Cf. arc. BARRIOS, *Dipl. et Ch.*, p. 231. Do arc. *barrio* veio *bairro*, e o nome de lugar BAIRRADA «conjunto de bairros».

barrôco, «penedo ou penedos altos. D'aqui *barrocal*, lugar cheio de penedos altos e fragosos» ainda em uso em Pínhel e Riba-Côa. — A mesma palavra se usa noutros sítios da Beira-Baixa, por exemplo em Celorico e Ídanha. Além de ter a significação de *penedo*, tem significação hidrográfica (excavação transitória, a modo de rego, funda, feita por chuvas torrenciais, mas onde as agoas deixam de passar depois). A palavra *barrocal* é corrente na Beira-Baixa para significar *penodia*. Por ironia chama-se *barrôco* a uma pedra solta, e *barrocada* a uma pedrada. — Também ha *barróca* «regueiro com ou sem parede, que séca de verão, e que geralmente recebe a agoa dos campos marginaes, emquanto não são aproveitadas para regas» (Mangualde); na *Rev. Lusit.*, II, 245, diz-se que *barroca* é sulco fundo feito por chuvas torrenciais. A palavra *barroca* aparece já em 1258 para servir de confrontação, num doc. das *Inquisitiones*, p. 842. Andrada (sec. XVI-XVII) diz: «como se lançou .. de húa *barroca* muyto alta», *Casam. perfeyto*, ed. de 1726, p. 46; cf. a acepção de «monte ou rocha» em que Moraes a toma. BARROCO, BARROCA, BARROCAL, e BARROQUEIRA aparecem muito na nossa toponímia.

bayanca, barranco. — Se não fosse dizer o *Novo Dicc.* que *baianca* significa também «caminho estreito entre o baluarte e o fosso», eu perguntaria se não devíamos aqui ler *barranca*, palavra que existe no onomástico, e que deve estar para *barranco*, como *barroca* para *barrôco*.

behetria. — Vid. Gama Barros, *Hist.*, III, 431 e 432 ss.

beichoairo ou bençoairo, livro ou rol dos bens adquiridos por testamento ou outro justo título (nos mosteiros). O etimo deve ser **benedictionarium*; cf. em Maigne *benedictionalis liber*, livro de benções.

bellhoos, «castanhas assadas, e limpas já de toda a casca». — Ainda hoje na Beira-Alta se dizem *bilhós*. Ribeiro, *Diss. Chron.*, IV-II, 135, objecta: «*bilhoos* são bolos de bolina, e não castanhas». Não sei o que Ribeiro entende por *bolina* (quereria dizer *bolela*?), mas o que Viterbo diz dos *bilhós* Beira-Alta é certo. Por outro lado Moraes, *Dicc.*, dá *bilhó* como bolo frito de farinha e abobora.

bemdado, bem nascido. — Já Ribeiro disse que não encontrou *bemdado*. Será *bemnado* (= *bê nado*).

bemquerença. — Acerca do *deus Aernus* vid. *Religiões da Lusitania*, II, 338. — Num texto bragançano do sec. XIII, no *Eluc.*, tradução, de outro latino do seculo anterior, encontram-se termos e fórmulas que passo a transcrever: *Bregança*, *veir* (ou *vêir*, *vir*), *possúyan* (conjuntivo), *engêos* (< *ingenuos*), *viuda* (hespanholismo raiano), *nengum* «nenhum», *dia* («*dê*», outro hespanholismo ou leonesismo).

bemsilho e vencelho, ligadura. — Acrescenta o A.: «na Beira se diz ainda hoje *vencilho* e não *vencelho*». — Esta última forma usa-se em Tras-os-Montes.

benefactorias. — Vid. o que se disse s. v. «*behetria*».

beveragees, vinho para gasto. — Provavelmente falta til: *beveragêes*.

biffa, pano-de-lã. — Vid. Americo Castro in *Rev. de Fil. Esp.*, VIII, 22.

biguinos ou beguinos, fanático hipocrita. — Cf. G. Barros, III, 51 (-52), nota 6. — Diz Viterbo que *begger* em alemão significa «mendigar»; devia dizer *beggen* em flamengo.

Bispo, alcunha. — Deve emendar-se no texto, p. 200, *Travéas e Tragoas* em *Frávecas e Frágoas*.

bodivo. — A palavra *ementar*, aí citada, nada tem com o lat. *memento*: mas vem de *mens*, -entis, por intermedio de *ementum*, que se lê em S. Isidoro de Sevilha. A palavra *vodivo* nada tem com *Wodan*: vem do lat. *votivum*.

boi, artifício de caça. — Não entra aqui o animal *boi*, mas *boiz* «engenho de caça». Viterbo tomou *boiz* ou *bois* por plural de *boi*. É *boiz* o mesmo que *aboiz*. O erro parece que já vem de longe, pois num doc. do sec. XV, citado por G. Barros, *Hist. da adm.*, III, 45, nota, se fala de *caçar perdizes com boi*, excepto se *boi* se pronunciava *boí*, que é o mais provável, tomado como singular de *boís*. Em galego ha *buiç* «armadigo para cazar pájaros». Em Chãs de Tavares (Mangualde) ouvi em 1892 dizer *abaisar* (*aboisar*), com *s*, no sentido parece que

de «engodar»: deverá a palavra ligar-se com *aboís*. No concelho de Baião usam os rapazes uma armadilha para apanhar passaros, chamada *aboísa* ou *aboíza*, no feminino: nome que evidentemente se relaciona com o arcaico (como *abots* é feminino, o povo juntou-lhe *-a*, para a adaptar aos nomes femininos assim terminados).

bona, bens. — Pronuncie-se *bõa*. Nas *Leges*, p. 257, lê-se: «desherdar da *booa* de seu padre», sec. XV (com desnasalamento).

boroa scarolada, era o pão de painço, que propriamente se dizia *boroa*. — A expressão *boroa scarolada* do doc. do sec. XV citado por Viterbo corresponde nas *Inquisitiones*, I, 136, ed. 2.^a, num doc. lat. do sec. XIII, *borona mossegada*. — Deve acrescentar-se que na Beira-Alta se chama ainda hoje *broa* ao grão do painço (*Setaria Italica* dos botânicos), e se chama *painço* á palha; *broa* é também o nome do conjunto da planta: «um campo de *broa*».

bostello, pequeno bosque, tapada, territorio. — Vid. BUSTO.

bragaadiga, preço de um bragal. — Por **bragaládiga*.

bragal. — Dá Viterbo a *bragal* (I e II) várias significações: 1) certo pano; 2) pano por cuja estimação se compravam as cousas de que se precisava; 3) medida. Quanto á 1.^a significação direi que em Baião e Mesão-frio se chama ainda hoje *bragal* ao conjunto de roupa branca (de vestir, de cama, toa-lhas). Quanto á 2.^a vid. também J. P. Ribeiro, *Observ. hist.*, p. 101 ss., a cujos textos se podem juntar muitos mais. Quanto á 3.^a, *bragal como medida*, vid. G. Barros, *Hist. da adm.*, III, 485, nota 6.

bragel, o mesmo que *bragal*. — Deve ler-se *bragal*, como êrro de *e* por *a*.

bragueiro. — Cf. A. Castro in *Rev. de Fil. Esp.*, VIII, 25 e nota 3.

branea. — Não é palavra portuguesa, mas alatinada, por «brenha».

brenseda, multidão de brenhas. — Vid. o que diz Moraes.

breviorio. — O S.^{or} Epiphânio Dias, em *breviario*. Vid. *Obras*, de C. Falcão, p. 101.

burgel, burguês. — Talvez por *burgês*: vid. *Rev. Lusit.*, IX, 12.

busto, I, curral de bois ou vacas. — João Pedro já objectou que por *busto* se deve entender o rebanho, e não curral. De facto ha muitos passos onde essa significação se patenteia,

por ex.: «Omnes qui quiesirint pousar cum suo ganado in terminos de Pinel, prendant de illis montadigo: da grege das oues III^{or} carneiros; et do *busto das vacas* 1^a vaca» vid. *Leges*, I, 542. Noutro lugar, p. 614: «homines civitatis Egitaniae prendant montaticum de illis qui uenerint pausare in terminis suis: de ovium III^{or} carnarios, et de grege porcorum III^{or} porcos, de *busto vacarum* 1 vacam». Analoga disposição a p. 623, etc.: vid. tambem o indice das *Leges*, I, 946. Não se podia passar com um curral, e sim com um rebanho. Vê-se além disso a simetria: *grege das oues* conexa com *busto das vacas*; *grege ovium* e *grege porcorum* conexas com *busto vacarum*. Quem passava com estes rebanhos e os punha a pastar em certo local pagava o tributo chamado *montadigo*. — Em defesa de Viterbo devo notar que á sua mente veio a significação de rebanho, pois no artigo seguinte diz dos *bustos*: currais ou *rebanhos de gado vaccum*. — Com este *busto* ou *bosto* se relaciona *bostal* «curral de bois», que o mesmo Viterbo cita na sua ordem alfabetica, em hesp. *bostar*, e *bustar* (cf. *Bolet. de la Acad. de la Hist.*, XLVIII, 132).

busto, II, tapada ou bouça para criação de gados. — Viterbo fez dois artigos diferentes, mas a palavra é certamente a mesma nos dois (como ele proprio aventa), embora cada uma com seu sentido. — Lê-se em Herculano, *Hist. de Port.*, III, 5.^a ed., p. 280: «Nos mais antigos diplomas relativos a concessões, transmissão e distribuição de terrenos, os que com maior frequência se mencionam são os destinados a pastagens, quer com o nome de BUSTOS, quer com o de prados e parci-gos (*prata, pascua*)». Tambem em G. Barros, II, 384, *busto* «pascigo».

busto, bosto, III. — Acêrca do etimo vid.: Diez, *Et. Wb.*, p. 433, e M.-Lübke, REW, n.º 1228. Cf. tambem: Carnoy in *Mod. Lang. Notes*, XXXII, 390; e cf. igualmente *Zs. f. rom. Philol.*, XXXV, 635. — É em *busto* no sentido de curral ou pasto que assenta BOSTELO, nome de lugar, e não no primeiro, como Viterbo diz. A par de BOSTELO, com o ou com u, ha BOSTELINHOS. Na toponímia de Hespanha não faltam tambem *Bostelo*, *Bustelo*, *Busteliño*, em Lião e Galiza, e *Bustiello* e *Bustillo* noutras regiões; cf. *Bustelfollado* nas Asturias.

butirada, bolo de manteiga. — Nas *Inquisitiones*, I, 477, lê-se «unam columpnam *butiri*», genativo do lat. *bútyrum*, aqui escrito com i. A palavra *butirada* formou-se pois de *bútyrum*.

buzeno, medida. — Leia-se *búzeno*, ou melhor, *búzêo*, também em dcc. *buzeo*, *buzio*, etc. A palavra *buzio* corresponde a masculinização do lat. *bucīna* «trombeta». Pois que um *buzio-concha* (*Triton*) serve ás vezes de trombeta para chamar os homens para o trabalho etc., a trombeta, isto é, **bucīna*-, passou a significar *buzio*, isto é, concha. Um *buzio* póde servir de recipiente, e por isso adquiriu também a significação de medida.

C

C: d'elle usaram os nossos maiores em lugar de *s*, v. g. *carradamente*, *cocobrar*, *currador* ..., e por isso pronunciavam *sarradamente*, *sossobrar*, *surrador*. — Nisto se engana o P.^o Viterbo, pois ali está *c*, não por *s*, mas por *ç*: a pronúncia era *çarradamente* (de *cerrar*), *çoçobrar* (cf. hesp. arc. *çoçobrar*, mod. *zozobrar*), *çurrador*.

cabadura, cabedal. — Cf. *Leges*, p. 602.

cabaes, todo e qualquer. — É necessario rever o original.

cabaneros, homens braceiros. — Dos cabaneiros tratou G. Barros, *Hist. da adm.*, III, 483.

cabe, perto. — Também em cast. ant. *cabe*, a par de *cabo* e *cab*. — Viterbo traz *cabo* no seu lugar, onde cita outro exemplo de *cabe*.

cabidoal (caminho), principal. — De **capitularis*, com troca de sufixo (*-al*, por *-ar*).

cabo, I, fazenda, etc. — Cf. *Leges*, I, 697: «de quolibet furto dominus furti recipiat suum *cabum*, et alias sete partes dividat cum iudice per medium».

cabo, II, fim, termo. — Ainda hoje dizemos: «no *cabo* do mundo». Adverbialmente *ao cabo* «por fim», por exemplo nestes versos populares:

Os meus irmãos me mataram
Por tres maçãzinhas de ouro,
E *ao cabo* não nas levaram:

nas *Trad. pop. de Portugal*, p. 125.

cabo, III, lugar que cada um ocupa. — Na Beira-Alta é corrente dizer a um rapaz numa escola: «vai para o teu *cabo*».

cabo, no *Dicc. portat.*, o mesmo que *cabe*. — Na *Demanda*

do *Santo Graal*, p. 15: «e el-Rey catou ho scudo, e mostrou-o a Lançalot, que cabo d'elle stava».

cabrua e cabruna. — O segundo vocabulo entenda-se *cabrã*; o primeiro póde ser tambem *cabrã*, fôrma conservada sob influencia de *cabrum*.

cacifo, II; medida de solidos. — Nas *Inquisitiones* de D. Afonso III, lê-se: «dam xxvj *cacifeiros* de farina tritica», p. 327, e «dam . . por festa de Santo Michael senas ⁽¹⁾ *cacifeiras* de farina in pam». Temos pois *cacifeiro* e *cacifeira*, como medida.

cadanho, cada hum anno. — Entenda-se *cadanno*.

caduu, cada hum. — Leia-se *cadũu*.

caendas ou queendas, comemoração dos defuntos no 1.º de cada mês (no *Dicc. portat.*). — A palavra *quendas* existe ainda em Baião, mas noutro sentido: chamam assim aos doze dias anteriores ao Natal, contados do dia de Santa Luzia: cada dia representa um mês do ano nos prognosticos da lavoura. Tambem ha *requendas*, que são os doze dias seguintes ao Natal, isto é, até dias de Reis: cada dia representa igualmente um mês, mas acrescenta o povo que as *requendas* são mais favoraveis que as *quendas*. — A respeito de *queendas*: «e nas oytauas de Natal e de Pascoa e de Sancti Spiritu e nas *queendas* dos messes» (doc. de D. Denis, na Torre do Tombo, caixa 104, col. especial). — Temos assim, no que toca á fôrma: *calendas* > *caendas* > *queendas* > *quendas*.

cajom, I, II, III, ocasião, quêda, desastre. — É sempre a mesma palavra. Cf. D. Carolina Michaëlis in *Rev. Lusit.*, III, 129 ss. — O proprio Viterbo cita outros textos: *outro cajão* (masc.) s. v. «arrenhamento», e *algum cajão* s. v. «arrunhamento». Vid.: tambem J. P. Ribeiro, *Diss. Chron.*, I, 273 (sec. XIII); *Livro d'Esopo*, 67 (*cajom*); *Leges*, p. 642, *per cajom* «por acaso», onde se opõem a *conselheiramente* «de caso pensado».

calaça. — Cf. *Inquisit.*, I, 79, 557.

caldeira. — Diz Viterbo que na frêguesia de Barcos ha notaveis campas em algumas das quais se esculpiram caldeiras penduradas em lanças (isto é, a insignia de *pendão* e *caldeira*). Acrescentarei que a mesma insignia está num tumulo á entrada da Sé de Évora. — Do *pendão* & *caldeira* tinha já

(1) = senhas «cada um sua».

falado Antonio Brandão na *Monarchia Lusitana*, liv. VIII, cap. 21 (p. 59 da ed. de 1690).

Caliabria. — O monte que o A. descreve como existente junto ao Agueda é manifestamente um *castro*. Acêrca de *Caliabria* cf. Hübner, *Mon. ling. Ibericae*, p. 227. Acêrca da inscrição transcrita vid. *Corpus II*.

calumnia, coíma, etc. — Cf. Herculano, *Hist. de Portugal*, IV, 383.

camara de ferro, grilhão. (No *Dicc. portat.*). — Expressão provavelmente tomada de Bluteau, que a achou em Barros; ela porém já foi discutida por Moraes, s. v. «camara».

camba, moinho de mão pequeno. — Cf. *Leges*, I, 470.

cambhea, troca. — Por *cambha* = *cambia* (lê-se *cambia* nas *Inquisit.*, p. 582 e 592).

cambúú, escambo. — Parece-me errada esta palavra; talvez *cambhu* ou *cambho*.

campar, **campiar**, trocar. (*Dicc. portat.*). — Mudança puramente grafica de *b* em *p*: por isso = *cambar*, *cambiar*.

campayna de sso telha, sino pequeno e manual. — Leia-se *campanha*, *campaynha* ou *campainha*.

canalegas, carneiros, cambôas, pesqueiras. — Em vez de *carneiros* leia-se *caneiros*. Quanto a *canalegas*, parece palavra hespanhola (= *canalejas*), tanto mais que Viterbo cita de um doc. das Asturias o ablativo *canalegis*.

candea, lampada ou tocha, que arde com azeite ou cera. — A palavra *candea* em português antigo significava *vela* (de cera, etc.): cf. *O Arch. Port.*, XI, 335, onde cito um artigo de Sousa Viterbo sobre o assunto, publicado na *Portugalia*, I, 365-368; acêrca de «morrer com candea na mão» vid. D. Carolina Michaëlis, *Estudos sobre o romanceiro*, p. 46 47. Modernamente *candeia* é um recipiente metalico com azeite, petroleo, etc., que se compõe, segundo a nomenclatura popular, de *funil* (o recipiente propriamente dito), *espelho*, *gancho*, *alçador*; mas já M. Bernardes, *Pam partido*, I, 198, diz «espirro de huma candea». No Alentejo a um baile popular chama-se *baile de candeia* ou *barulho*. — No artigo que estou anotando diz o P.^o Viterbo por equívoco *candella* em latim, em vez de *candela*.

candeu, *candea*. — Deverá ser *candeo*, que hoje se diz *candeio*.

cantico grao, *canticum graduum*. — Temos pois em *grao* um vestigio de genetivo do plural, de origem eclesiastica:

junte-se ao que mencionei nas *Lições de Filologia*, 2.^a ed., p. 44. Tenho nota de muitos outros.

capão. — Neste artigo cita o P.^o Viterbo: *capão recebedondo*. Suponho que *recebedondo* é erro em vez de *recebondo* (sob a influencia de *recebedor*): cf. trigo *recebondo*, çapatos *recebondos*, galinha *recebonda*, em textos do sec. xv citados a outro proposito por G. Barros, *Hist. da adm.*, III, 592, nota, e 632.

cappa de engres. — Leia-se *engrês* «inglês».

capelrom. capa grande. — Não era isso, mas capuz: vid. D. Carolina Michaëlis in *Zeitsch. f. rom. Philol.*, XVIII, 396, nota 1.

capela: confundiram alguns *capellas* com *morgados*. — Dos *morgados* tratou amplamente G. Barros, *Hist. da adm.*, t. III, p. 649 ss.

captela, cautela. — Embora apareça num texto portug. do sec. xv, deve considerar-se latinismo medieval: *captela* = *cautela* em Maigne, como se viesse de *capta*.

carantulas, caracteres magicos, etc. — O lugar que cita da *Chronica de D. João I* é a pt. II, cap. 41.

carcabear, abrir fossas, etc.: d'aqui se dizia *carcava* ou *carcova*. — Cf. *carcava* nas *Inquisit.*, I, 364, col. 2.

carceratica, carcerage, etc. — Leia-se *carcerática*.

Caria, terra na Beira. — Cita o A. várias inscrições romanas acolhidas depois no *Corpus*, II. De uma das inscrições falou Pereira Caldas em 1884 num folheto intitulado *Uma inscrição romana de Caria de Lamego*, separata do *Constituinte* (Braga). — No seu artigo transcreve o P.^o Viterbo uma inscrição de Vide, tirada da *Chronica dos Eremitas de S. Agostinho*, que reza assim: *Amanda serva de Christo falleceu em paz no anno do Senhor 586. No anno do Senhor não póde ser, porque datar assim só muito depois se datou, mas talvez o teor da inscrição fosse: Amanda, famula Christi, requievit in pace Domini era DLXXXVI* (sem indicação de dia e mês): teríamos pois aqui uma inscrição da epoca visigotica. Ainda que o autor da *Chronica*, isto é, Fr. Antonio da Purificação, é fonte de pouco credito, é provavel que a inscrição não seja falsa.

caritel, querela, etc. — Alguns dos textos que o P.^o Viterbo produz, vêm nas *Leges*, I, 432 e 461. Cf. também Cortesão, *Subsidios para um Diccion.*, s. v. «caritel», onde cita o *Foral de S. Martinho de Mouros*, que dá uma definição: «mu-

dem o nome de *carytel*, e ponhamlhy nome *testaçom*, que he mays fremoso dizer».

carreira, caminhada feita como pensão, etc. — Cf. *Inquisit.*, I, 103 e 815; *Leges*, I, 501, 504, 505 e 696.

carta de ingenuidade, de liberdade. — Nos Costumes da Guarda, *Leges*, II, 5, diz-se: «todo mouro ou moura que se tornar christão e seu senhor *carta* a el fazer de *engenhidade*».

casar, casal. — Citando um documento medieval do mosteiro de S. João de Tarouca em que se fala da *quinta do Granjam* e da de *Berufi*, diz o P.^e Viterbo que aquella fica defronte de Mondim (da Beira), e que esta é *Esbrufe* no bispado de Viseu; a primeira localização está exacta, mas a segunda não, porque á quinta de *Berufi*, corresponde hoje a quinta de BRUFE ou *Berufe*, entre Mondim da Beira e S. João de Tarouca (Viterbo confundiu-se com *Esmolfe*). Eu conheço muito bem *Brufe*. A palavra *Berufi* é genetivo de *Berufus* ou *Berulfus*, palavra germanica; ha vários textos, de outros sitios.

castellatico, certo direito. — Onde se lê *julgado de Anabrega* deve emendar-se em *Anóbrega*.

castrello, deminutivo de *castrum*. — Cf. o que escrevi nas *Religiões da Lusit.*, II, 79 ss.

cavallaria. — Toma o P.^e Viterbo esta palavra em várias acepções. — Algumas observações: J. Pedro, *Diss. Chron.*, IV-II, 117; *Inquisitiones*, I, 807, 808 (qui morabantur in ipsa caballaria Regis), 866, 867 (vidit tenere caballum in isto casali . . pro ad faciendum Regis caballariam cum illo . . ; caballum pro ad servicium Regis); Herculano, *Hist. de Portug.*, t. VI, 7.^a ed., p. 363.

cavalleiro. — Acêrca da instituição da cavalaria em Portugal vid. G. Barros, *Hist. da adm.*, I, 399 ss.

cavalleiro de espora dourada. — Cf. Gama Barros, *Hist. de adm.*, I, 405, nota 5.

cavallo acontiado. — Vid. G. Barros, *Hist. da adm.*, I, 405, nota 5.

cavallo de Maio, tributo que se pagava no 1.^o de Maio. — Cf. Gama Barros, *Hist. da adm.*, I, 501 e nota 4, d'onde remete para Herculano.

cavallo raudão, roudão, etc. — Vid. Moraes, s. v. «ruão», do fr. *rouan* (*cheval*).

cavão e **cavon**, trabalhador de enxada. — Outro exemplo: *Leges*, I (sec. XII), 407. Vid. tambem Moraes, s. v. «cavão».

cayra e quayra, medida. — Cf. *Inquisit.*, I, 4, 335. — Do lat. quadra.

çafuens, calças largas, feitas de pelles. (No *Dicc. portat.*). — A definição está inexacta. Os çafões vestem-se sobre as calças (Alentejo e Beira-Baixa; no Algarve chamados *guarda-matos*).

çaga, rectaguarda. — O A. remete para *saga*, mas é erro tipografico por *zaga*. — Vid. supra *azaga*.

çalaio, tributo. — A etimologia dada de *Saloio* não é exacta. Do assunto tratou David Lopes em sessão da Academia das Sciencias (2.^a classe) de 23 de Dezembro de 1915.

Çaloio ou Saloio. — Vid. o vocabulo precedente.

çaquiteiro, o que tinha a seu cargo o pão cozido para a mesa do rei. — Definição confirmada por Gama Barros, *Hist. da adm.*, I, 579, nota 7, onde a mais cita *çaquetaria*. Por mim, encontrei *çaquitaria* em um doc. particular antigo.

cebradas, quebradas. — Leia-se *cebradas*, como se estivesse *quebradas*.

1. **ceeiro**: «os ceeiros que mantêm os *cyoados*». — Talvez *cyoados* por *civados* «cevadados».

2. **ceeiro**. — Cf. *Leges*, II, 92: «mesteyraaes da çapataria e dos alfayates e dos outros ceeiros».

ceitil. — Vid. uma nota de J. P. Ribeiro a este artigo, e os estudos recentes de Aragão, *Moedas de Portugal*, e Ferreira Braga n-*O Arch. Port.*, VIII, 24.

cepcerial. — Entendo que deve ler-se *ceyccerial*, por *ceyceiral*, de *ceyceiro* (= *ceiceiro* «sinceiro»), como vem nos *Poemas Lusitanos* de A. Ferreira, Lisboa 1598, fls. 77 v.:

Ao pé de hum grã *ceyceiro* rodeava
O gado de Castalio, e de Serrano,

na egloga III, v. 7. *Ceyceiro* ou *ceiceiro* tem fórmulas paralelas, quais: *seiceiro* (a originaria), *seiseiro* (num documento meridional do sec. XIV), *sinceiro*, *cinceiro*, *zenzeiro*. Vid. sobre isto D. Carolina Michaëlis in *Rev. Lusit.*, III, 185-186, onde, com Adolfo Coelho e Cornu, busca justamente o étimo de todas estas fórmulas no lat. *salix*, isto é, *salice-*; só faltou explicar a nasal (que resultaria acaso de cruzamento com outra palavra em que haja vogal nasalada), e a confusão de *s* com *c*. É certo que a Sr.^a D. Carolina Michaëlis diz que esta confusão tem a sua causa na obliteração que em português se dá

da distinção entre os dois sons, porém não me parece suficiente a explicação: talvez a confusão provenha de assimilação do *s* inicial ao *c* medial. Na forma *zenzeiro* os *zz* são puramente ortograficos, sem valor fonetico, isto é, *zenzeiro* corresponde a *cenceiro*. Acrescentarei que em galego, na lingua comum e na toponimia, ha tambem *cinceiro*, e que em Diogo Bernardes se lê:

Vi secos os *censeiros*, que já tantas
Vezes queixar t'ouviram,

nas *Flores do Lima*, a p. 68 da ed. de 1770. Na nossa toponimia temos: SINCEIRA, SINCEIRINHA, e sem nasal SEICEIRA e ASSEICEIRA. — No Algarve chamam *saiceiro* ou *sêiceiro* a um salgueiro novo, e falando da madeira dizem *saíço*, por exemplo, *cesto de saíço*, *feito de saíço*, o que tudo ouvi a gente de Monchique, Silves, Albufeira; tambem me dizem se usa *saíço* em Loulé. Creio que a base de *saíço* e *saiceiro* é *saliciu-, ou primeiro se formasse *saíço*, e d'aqui derivasse *saiceiro*, ou de *saiceiro* se deduzisse (por derivação regressiva) *saíço*. Quanto ao sufixo cf. *caníço*, *carvalhiço*, *palhico*, palavras em que, como em *saíço*, ha a ideia de pequenez. *Saíço* está para *saiceiro*, como *castanho*, *pinho*, *sobro*, respectivamente, para *castanheiro*, *pinheiro*, *sobreiro*. — Á mesma familia pertence *salgueiro* proveniente de *sal'garius, *saligarius, *salicarius (de salix), e no onomantico SALZEDA e SALZEDAS, de que falei na *Rev. Lusit.*, I, 49-51. O meu colega J. J. Nunes menciona no seu opusculo *A vegetação na toponimia* tambem: SEIÇAS, SEIÇAL, SEICEIRO, ASSINCEIRA, e SALGOSA.

cerucada, cercada. — Ha de certo aqui erro. Acaso estaria num documento (sec. XIV) **cercuada*, do lat. *circulata*.

cerviçaria. — Cf. *cervizaria* nas *Inquisitiones*, I, 75.

cesteiro (medida). — Viterbo aproxima *cesteiro* de sextario. Cf. tambem G. Barros, *Hist. da admin.*, IV, 326. A grafia com *c* resulta da influencia da palavra *cesta*, o que póde confirmar-se com um documento que o proprio Viterbo cita: «por *cesta* de mão . . , *cesta* de colo . . *cesteiro* de trigo».

césto. — A inscrição que Viterbo extrata de A. de Rêsende (*Antiquid. de Evora*) é falsa, e como tal a publicou Hübner no *Corp. inscr. Latin.*, II, 16*.

cetra. — Não era broquel especial dos Lusitanos, como diz Viterbo; era usado tambem por outros povos antigos (Africa-

nos e Bretões). Os soldados batiam nele a cada instante com a espada, quando marchavam para o combate. Vid. sobre isto tudo o *Dict. das antig.* de Daremberg & Saglio, s. v. « clipeus », p. 1257. Do escudo redondo dos Lusitanos, que outra coisa não era senão a *caetra* dos autores, falei nas *Religiões*, II, 92, e III, 59-60.

cha. — O *h* é ortografico, a pronúncia era *ca*.

chaamente, em um doc. de 1287. — É possível que falte um *til*, e a palavra fosse pois *chãamente*. No *Cancioneiro da Ajuda* lê-se ainda com *til*: *grãadez*, *dõaire*, *endõado*, etc. Mas também no *Elucidario* se cita *chamente* em um documento de de 1281, s. v. « pontaria ».

chagon, ocasião. — Lede *cajom*. O proprio Viterbo diz que *chagon* é o mesmo que *cajom*.

chamado, II, apelido, convocação. — Vid. *Inquisit.*, I, 542.

chamaro, por *chamaram*, e « assim *foro* . . por *foram* ». — Assim realmente é hoje esta a pronúncia no Minho, mas se se lê *chamaro*, *foro* em documentos antigos (Viterbo não os cita), estará aí provavelmente *-ro* em vez de *-rõ*.

chantados. — Também ha *chantado* nas *Inquisit.*, I, 339.

chantadorias. — Vid. também *Inquisitiones*, I, 83, col. 1.^a, sec. XIII.

chantar. — A carta, que Viterbo alega, de Egas Moniz a uma dama, é apócrifa, como ha muito se sabe.

chantoal. — Nome derivado de **chantom* (*chantar* < *plantare*).

chapins da rainha. — Cf. também a expressão hespanhola *chapin de la reina*, relativa a costumes analogos aos que Viterbo menciona. (A linda poesia de Garrett, *O chapin d'elrei*, inspirada talvez, quanto ao titulo, nesta frase, e inscrita no *Romanceiro*, I, nada tem porém com ela). O que Viterbo diz da etimologia de *chapim* não satisfaz as exigencias da fonetica. Da etimologia tratou Körting, L-RW, § 5281; mas o que ele diz não foi admitido por Meyer-Lübke no REW.

charidade, III. — O testamento de D. Flamula, extraído do Livro de Mumadona (não *Mumadoma*, como se lê no *Elucidario*, aqui, e noutros lugares), foi publicado nos *Dipl. et Chartae*, n.º 81, p. 51. Em vez de *Ad Salizete* leia-se *Ad Salizeta*. Como neste artigo se fala de cousas pertencentes ao antigo concelho de Mondim da Beira, e como da historia d'este concelho, minha patria, tenciono ocupar-me noutro trabalho, lá

direi o que acêrca das noticias dadas por Viterbo eu poderia agora dizer.

chatar. — Lede *catar*. Está *ch* = *c*.

chavadego, chavadigo. — No Supplemento Viterbo acentua o *e* e o *i*, mas a pronúncia era *chavádego* e *charádigo*, por *conclavaticu-; cf. *amádigo*, *montádego*, etc. A terminação *-ádego* ou *-ádigo* tornou-se *-ago* em português moderno: assim expliquei já algures *rinhago*, VIDAGO (*vitaticu-), etc.

chaveiro, -a. — Noutro sentido diferente do que Viterbo indica, vid. *Leges et consuetudines*, II, 16.

chimaço. — É possível que a palavra seja assim mesma, porem não pôde tambem excluir-se *chumaço*, pois na ligação de *um*, podia escapar uma perna da letra.

Christodolinda. — Viterbo não cita o documento em que se lê este nome, o qual parece híbrido e ao mesmo tempo estropiado, pois a *Christo* ou *Christ-* se juntou um nome germanico: cf. em Förstemann, *Namenbuch: Christehildis. Sanctileudis*, etc.

chus. — Num doc., que cita, de 1295, de Salzedas, acentua o *i* de *lagaradiga*, quando o acento devia estar no *a*. Vid. este vocabulo.

cíclatom. — O doc. de 1147 aqui citado, fôra-o já s. v. *acilara*.

cidade, I. — O P.^o Viterbo menciona o ms. da *Geographia* de João de Barros, e diz que do codice que consultou se colige que fôra acabado em 1547, e transcreve trechos d'ele. Este ms. foi publicado em 1919 pela Biblioteca Municipal do Porto, conforme a um cod. do sec. XVII. A p. 3 põe Barros a data de 1548. Num códice da Biblioteca Nacional, marcação A $\frac{4}{27}$, diz-se «1549». Os trechos transcritos por Viterbo correspondem na edição do Porto ás páginas, 88, 89, 92-93, 94. A inscrição da ponte romana de Chaves, a que em Barros e Viterbo se faz referencia, foi publicada por Hübner nos *Corpus*, II, 2478.

cidade, II. — Da *cidade de Aregia*, de que fala Viterbo, o nome da qual ele diz está hoje representado em *Eja* (Pena-fiel), tratou com amplitude o S.^{or} Pedro de Azevedo n-*O Arch. Port.*, IV, 193-221. A relação que o autor do *Elucidario* quer achar entre *Arouca* e *Aregia* é fantastica. A fôrma que cita *Atavoca* é inexacta: deve ser *Aravoca* = *Arauoca*, vel simile.

cidade, III. — A respeito do nome de *cidade* dado a certas

terras deve observar-se que alguns dos documentos são em latim, e que por isso *civitas* nem sempre significa propriamente «cidade». Num dos ultimos documentos citados por Viterbo entendo que deve emendar-se *Meiçom frio em Mei-jom frio*.

cinuna, cinunha. — Já João Pedro Ribeiro propôs justamente que em vez d'estas palavras devia ler-se *conuna* ou *comunha*, pois *comuna de Judeus* era expressão corrente. O documento de Lorvão, citado pelo P.^e Viterbo, foi publicado na integra nos *Dipl. et Chartae*, p. 60, n.^o 95, e nele se lê *Abzuleman et oxor mea Gotu*, e não *Abzulemam e Góta*, como vem no *Elucidario*.

cira. — O P.^e Viterbo dá a *cira* a significação de «matalgal», apenas pela falsa semelhança que encontrou entre *xara* e *Xira*, escrito nos documentos latino-medievais *Cira*. Acerca de *xara* vid. Dozy, *Glossaire*, p. 353.

cirvilheira. — O mesmo que *cervilheira* de outros textos. O *Novo Dicc.*, que arquivou *cervilheira*, dá-lhe como étimo *cervelleria*, quando ele está manifestamente em **cerviculária*.

cloquaires. — Isto é, no singular, *clocaire*, do lat. *cochlearē*.

cobro, fôro de carne. — Também nas *Inquisitiones*, I, 485: *ij cobros carnis*.

cognoçudo, cognoscer. (No *Dicc. portatil*). — Em *gn* ha meras letras e não sons; o som era *nh*.

coleiça. — Se não ha erro, poderia explicar-se por **collectia*, de *collecta*.

colheres. — Vid. o que diz Gama Barros, *Hist. da adm.*, II, 157, n. 5.

collação, I. — Cf. *Leges*, II, 4 (*collaçon*).

colo. — Nas *Leges*, II, 95: «lã pera vender em colo», seculos XIV ou XIII; *em colo ou em cabeça*, p. 96.

colonho. — Cf. *Leges et Cons.*, II, 95: colonho de linho, de castanha, nozes, etc.

comendador, III (no Suplemento). — Já Inocencio, na sua ed. do *Elucidario*, disse que a data de 1216 aí mencionada está errada. Talvez seja 1316.

comeyos. — Nas *Leges et Consuet.*, I, 263: *en esse comeyos*; II, 26: *no comeyos*. Num doc. do sec. XIV, no *Bolet. da 2.^a cl. da Acad.*, III, 301: *en este comcios*. Nos *Documentos do Souto*, de O. Guimarães: 1336, e *uos en este comeyos*. Locução adver-

bial recomposta: cum-mīnus, por commīnus. A evolução foi: cum-mīnus > *comenos > *comēos > comeos (vid. *comeos* no *Elucidario*) > comeios. Hoje dizemos *comenos*, isto é, «neste *comenos*», tendo-se restaurado o *n* como em *menos*, em vez do arc. *meos*.

comha = coma (conjunç. arc. e ainda pop.).

como quer. — Propriamente: *como quer que*.

compoondor. — Lede *compoendor*.

co-na, co-nas, com a, com as, por *com la, com las* (assimilação do *l* pela nasal). — A frase anterior foi *com na*, por ex., em *com na mia*, sec. XIII, nas *Dissert. Chron.*, I, 278, doc. 64. Cf. *Lições de Filologia*, 2.^a ed., p. 613. O mesmo acontece no masculino: *co-no* por *com no, com lo*.

conceição. — Vid. a nota aposta por Lopes Fernandes á ed. de Inocencio.

condado (tributo). — Vid. também: *Inquirições de Af.* III, p. 331, 332; *Leges et Cons.*, I, 504 (quasi se define).

condapnamento. — Neste, como em muitos outros casos (*escrapvo*) etc., o *p* não se pronunciava, era letra adventícia.

condesar (guardar) = *condessar*, do lat. *condensare*, tornar espesso, congregar (reunir).

conditaria, conductaria, conduitaria. — A 1.^a forma é evolução natural da 3.^a; a 2.^a equivale á 1.^a com o *c* restaurado e não pronunciado.

condoito. — Cf. *Inquisit.*, I, 126, col. 1.^a, sec. XIII.

conecer, conocer. — Onde *n* = *nh*.

congeito e conjeito deviam formar um só artigo. Não do lat. *conniveo*, como Viterbo diz, mas de *coniectus*; cf. *coniectu oculorum* «pelo modo de olhar» em P. J. da Fonseca, *Lexicum Latinum*.

conocença. — Está *n* = *nh*.

co-nos. — Vid. *co-na*.

consolar. — O doc. que cita diz *consolei a montar*; será *conselei* = *conselhei*.

constãa, costa, encosta. — Presupõe **costana*, deriv. de *costa*. O *cons-* é por analogia com palavras em que *cons-* alterna com *cos-*, por exemplo *Costança* & *Constança*.

conteença(s): lat. *continentia*. — No doc. aí citado (Supplemento) lê-se *lio* por *lão* «linho».

contentamento. — Estão aqui, subordinadas a uma só rubrica, duas palavras: 1) **contentamento**, indiferença: de

* *contentar*, derivado de *contemptus* (como já Viterbo sugere); 2) **contentamento**, de *contentar*.

coona de manteiga. — Nas *Inquisitiones*, I, 330, sec. XIII, também: *caonas de manteiga*. O étimo está em columna. — Cf. nestas Observações «butirada». O *a* de *caona* deve ter resultado de influencia da palavra *calumnia*.

copegar. — Já o S.^{or} Epiphanyo Dias, ed. das *Obras* de Falcão, p. 104, emendou *copegar* em «*copegar* (isto é, coxear)».

corazil. — Vid. também *codraziis* nas *Inquisitiones*, I, 393; *corazillum*, 649, etc. Extracta Viterbo um documento em que se alude á marca do corazil ou *goarazel* que se fez, como tipo, na igreja ou capela de S. Mamede, e junta um desenho. Como illustração acrescentarei que em algumas terras se vêem ainda hoje marcas semelhantes (antigas); por exemplo, em Moura vi uma.

cordo. — Vid. também *Leges*, I, 269.

cornaria. — Vid. também *Dissert. Chron.*, V (2.^a ed.), 382.

cornu. — Vid. o que se disse s. v. «alvende». — Tendo eu conversado com o S.^{or} Gama Barros a proposito d'este artigo, ele escreveu-me a seguinte preciosa carta, que julgo do meu dever copiar aqui, e que os leitores de certo apreciarão, como emanada de tão grande historiador:

«Meu prezado amigo.

Os documentos em que lhe falei hoje, e não achei logo para lh'os mostrar, são estes. Doc. de 870, citado no Supple-mento do Elucidario, vb. *cornu*, transcripto nos *Diplom. et Chartae*, sob n.º 5. Viterbo estava sonhando, não só no que diz no texto, mas ainda mais na Nota. A bigamia, que elle viu, desaparece inteiramente, lendo o doc. nos *Diplom.*

Dormitava também J. P. Ribeiro na observação que a p. 135 do IV, parte 2.^a, das *Dissert. Chron.*, faz á referida Nota do Elucidario. Os dois docs. que cita ahi, e havia publicado no I das *Dissert.*, p. 211 e 229, n.º 28, comparados com a publicação nos *Diplom. et Chartae*, n.º 346 e 766, não têm nada que confirme a relaxação em que elle põe a christandade, quando vê n'elles estabelecerem-se condições nefandas nos contractos matrimoniaes.

Aliquando bonus dormitat Homerus.

Am.º mt.º certo — GAMA BARROS.

2-7-922 ».

Eu tive a honra e o prazer de conviver um tanto com o illustre signatario da carta. Quasi todas as semanas o visitava á noite, e ás vezes de dia, ao domingo; e em regra encontrava-o no seu gabinete, á mesa de trabalho, escrevendo a *Historia da administração*. Quando eu chegava, tirava os oculos, e vinha receber-me num sofá que havia no gabinete, defronte da mesa. Na idade adiantada em que ele estava, e com tão largo projecto em mente, pois os volumes da *Historia* deviam ser ainda muitos, eu receava tomar-lhe tempo; ele porém, sempre muitíssimo bem disposto de espirito, não me deixava sair logo, e conversavamos bastante. Foi uma dessas conversas que motivou a carta que fica transcrita. Morreu de 92 anos: eu esperava que se lhe festejasse o centenario em vida, a sorte não o quis assim. Poucos dias antes de morrer, eu tinha lá estado de visita, como de costume. Pois até então conservava não só admiravel vivacidade, senão tambem prodigiosa memoria. Lembrava-se de tudo. A proposito de qualquer cousa que diziamos, levantava-se, não raro, a ir buscar um livro á sua vasta e selecta livraria, e achava-o de repente. Saudosas horas que junto d'ele passei, ou no palacete da R. de Fernandes Tomás (antiga do Caldeira), ou numa sua quinta em Azeitão, onde no tempo da esposa passava os meses calmosos, e aonde, depois do falecimento d'esta, não voltou! Aí fui algumas vezes por convite de ambos. A esposa, a Ex.^{ma} Senhora D. Sofia de Barros, era muito instruida, e de muito bom coração: ajudava-o de contínuo na cópia do manuscrito da *Historia*, quando devia ir para o prelo. Modêlo de esposa, que comprehendia o ideal scientifico do marido! — Permite o leitor estes breves apontamentos familiares em meio da secura do artigo que lhe estou apresentando! — O S.^{or} Gama Barros nunca foi pessoa de exhibições. Ocultava-se no recanto do seu gabinete, e trabalhava como poucos trabalham. Que pena que não concluísse a obra! Assim mesmo é um monumento de erudição e de critica, desvendadora de muitas das mais cerradas sombras da nossa idade-media: que faria, se a concluísse!

coroa. — Vid. a nota que Lopes Fernandes apôs á ed. de Inocencio.

cougeito = congeito. — Está *u* por *n*.

couteiro. — Vid. tambem *Indice chronologico dos pergaminhos da camara de Coimbra*, Coimbra 1875, p. 54, n.º 97.

couto, III. — Da differença que havia entre *honras* e *cou-*

las trata G. Barros, *Hist. da adm.*, I, 349 ss.; cf. também: A. Sampaio, As «villas», p. 164-165, e Fortunato de Almeida, *Hist. de Portugal*, I, 382. A historia da palavra *couto* temo-la num artigo de Paulo Merêa, n-*O Instituto*, vol. 69, n.º 8, separata: *Em tôrno da palavra «couto»*, Coimbra 1922.

crelegiastico. — Parece ser palavra formada na mente do escriba por equívoco, isto é, por cruzamento de *creligo* e *eclesiastico*, e não palavra corrente.

criação (de escravas). — Cf. Gama Barros, *Hist. da adm.*, II, 30, e nota 6.

Crimenço (S.). — Não *S. Clemente*, como diz o A., mas *S. Clemencio*.

cruc = cruç. — No documento citado por Viterbo alude-se a tomar posse simbolicamente. D'isto dei outros exemplos num artigo que publiquei no *J. de Santo Thyrso* de 24-III-1921. Vid. também A. C. Pires de Lima, *Simbolismo juridico*, Coimbra 1923 (separata do *Bolet. da Faculd. de Direito*, vol. VII, n.ºs 61-65).

cruzilada e incruzilada. — Como os textos em que estas palavras aparacem são latinos, é claro que *l* corresponde a *lh* em português. Por isso: *cruzilhada, encruzilhada*.

cuigo. — Leia-se *cuijo* ou *cujo*.

cunca. — Usa-se ainda no Alto-Minho o objecto (de pau) e o nome.

cunho. — Remete-se o leitor para o vocabulo *cahunho*, que não encontro.

cunuçudo e conozado. — O mesmo que *conhoçudo*, com *z* = ç, e *n* = nh.

cusas por *cousas*, sec. XIV. — Não é palavra, pois falta o.

cutelo. — O doc. de 943 transcrito por Viterbo foi depois incluído nos *Dipl. et Ch.*, p. 31, n.º 53.

D

D. — A inscrição que Viterbo transcreve está mal copiada. Vid. *Corpus*, vol. II.

dadivas. — Vid. o que diz Gama Barros, *Hist. da adm.*, III, 833.

daganhas. — Acêrea de *decanias* ou *deganias* vid. o que escreveu Caetano do Amaral, in *Mem. de Litterat. da Acad.*, VII, 808 e 930; cf. também as minhas *Lições de Filologia*,

2.^a ed., p. 302. A palavra passou da lingua comum para a toponímia: DEGANIA no sec. XI, ADEGANIA no sec. XIII, modernamente ADEGANHA. Em Berceo *deganna* = degaña (vid. *AA. españ. anter. al siglo XV*). Na toponímia astoriana: DEGAÑA.

dapnado, dapnador. — O *p* não tem valor fonetico.

decorudo. — Lede *decorrudo*, particípio antigo de *decorrer*.

decuria, colmea. — Nos *Dipl. et Ch.*, p. 9, *decoria*.

dende = d'ende: «d'ai», «d'isso».

depus, sec. XIII, depois. — Cf. *pus*, num doc. de Moncorvo, do mesmo seculo, s. v. «molleiro». É possível que *u* esteja por *o*, mas o que é certo é que hoje tenho ouvido ao povo *apús* e *àpus*, em próclise.

desamão, sec. xv, propriamente: não á mão. — Cf. *a deshoras*.

descangar. — No doc., que cita, de 1308, lê-se *payes*, talvez por *paues* («paúis»).

dessuu. — Lede *dessuū*, e vid. *desuum*, *desum* e *deconsumum*, e o que diz a Sr.^a D. Carolina Michaëlis in *Rev. Lusit.*, 1, 128-129.

desvairado. — Significa variado, vário.

deteedor. — Por *deteêdor* provavelmente.

deviginar. — Suponho ser palavra fantastica. O proprio Viterbo remete o leitor para *eyvigar*. Provavelmente é *deiviguar*, que no ms. estaria escrito *demiguar*. Isto é: *de-eivigar*.

dieta de terra, a que se póde lavrar em um dia. — Cf. *dieta* na baixa latinidade, de dies: isto é, dia, salario diario.

diffir, definir, sec. XIII. — Lat. *definire*; a fórma intermedia deve ter sido *difür*.

dim'uma rem, isto é: *di-m'ua rem* «dize-me uma coisa».

dinheirada. — Vid. tambem *Leges et Cons.*, p. 744. Cf. Pidal, *Orig. del españ.*, p. 279.

dinheiros secos e molhados. — Um dos codices das *Ordenações afonsinas* aqui citadas tem *porta* (jôgo) em vez de *porca*. Vid. a ed. de Coimbra, 1786, t. v, p. 151. A lição verdadeira deve ser *porca*, pois conheço ainda hoje um jôgo assim denominado. Tambem sei do jôgo da *pòrquinha*. E ha muitos jogos chamados de nomes de outros animais, como: abelhinho, cabra-cega, caracol, galinha, grilo, lagarto pintado, piolhinho, raposa, sardinha fresca, etc.

diptagos. — Leia-se com acento no *i*. Cf. no Elucidario *ditagos*.

doestadoiro. — Deve colocar-se til em *christaos* e *christaas*, citados num doc. subordinado àquele título.

domoça. — Deve ler-se *domaa*, pois no doc. ms. onde a palavra estava tomou-se *a* por *oc* ou *oç*.

douradoyro. — Parece deve ser *duradoyro*, tendo-se no respectivo ms. tomado *d* por *do*.

dovida, por *dúcida*. — O *o* corresponde ao *u* de *dūbitare*.

dulca. — O passo em que entra a palavra é *vir im dulca*, e Viterbo traduz *dulca* por *dúvida*; mas temos aqui, segundo creio, um latinismo *in dubia*: cf. *in dubium venire*. A palavra *dubium* é muito conhecida dos documentos medievais (*Diplomata et Chartae*).

dum. — Viterbo traduz por *dom*. Efectivamente assim como de *nom* em próclise se fez na lingua popular *num*, não se estranharia *dum*; mas o doc. citado por Viterbo é latino, e por isso *dum* será abreviatura de *Dominus*.

duum não é propriamente *de um*, como póde parecer, mas *d'uum*.

E

ei. — A carta de Egas Moniz é apócrifa.

eibitar, arbitrar. — Lat. *arbitrare* > **albitrar* (dissiml.) > **aibitar* > **eibitar*.

Eidaya. — Lede *Eidãia*.

eigo. — Emende-se em *ergo*.

eigrega. — O segundo *g* vale aqui *j*.

eiradega. — Leia-se *eirádega* (esdruxulo), e não *eiradéga*, como se manda ler no *Elucidario*. Outros exemplos de *eirádega* ou *eirádego* os temos nas *Inquirições*, 1, 12, 32, 36, 294, etc.: sec. XIII.

eiveger. — O texto é: (certo casal) *vó'lo chaatedes e eivegedes*. Vê-se que é um verbo em *-ar*, e não em *er*: isto é, *eivegar*, de *aedificare*: o mesmo verbo *eyviguar* e *eyvigar*, que traz adiante, no seu lugar proprio.

eixete, adverbio. — Do lat. **excepte*, formado regularmente de *exceptus*: cf. já J. J. Nunes, *Gram. hist.*, p. 119. Também ha *exete* nas *Leges et Cons.*, p. 476 e 643.

eixido. — Aparece várias vezes também nos *Documentos do Souto* (arredores de Guimarães) do Ab.^e Oliveira Guimarães, por exemplo, p. 58, de 1348. Igualmente n-*O Arch. Port.*, v, 258, do sec. xv.

elau. — Esta suposta palavra vem num foral de Castel-Branco dado pelos Templários em 1213, como consta das *Leges et Cons.*, p. 566, onde se lê: *et duplet el au[er]*.

eleiso, ele mesmo. — Ao repente parece representar directamente *ille-ipsum*, mas o mais provavel é que se escrevesse *i* por *s*, e aquella fôrma representa pois *elesso*.

elizar, aleijar. (No *Dicc. portul.*). — O *z* estará por *j*.

elmo. — Quanto ao étimo, vid. REW, n.º 4130.

emader, acrescentar. — Por *ēader*, do lat. *in-addere*. Cf. *emavessar*, pôr do avêssô, etc. = *ēavessar*.

embolhas, trebolas, etc. — Cf. G. Barros, III, 632, nota 5.

emina, 1, 2 (medida). — Do gr.-lat. *hemina*.

emneixar, anexar. — Talvez por *ēneixar*.

empicotar, expôr um criminoso na picota ou pelourinho. — Como illustração direi que na Beira se diz, por metatese, *empitocar-se* no sentido de alçar-se, colocar-se em alto, por exemplo, numa escada de mão. Creio que a palavra vem d'aqui e não de *picôto*. É um caso em que a lembrança de antigas instituições ficou esteriopada na linguagem comum.

emprir, encher. — O P.º Viterbo documenta esta palavra com o Poema da Cava, que é apócrifo. — J. J. Nunes, *Gramat. hist.*, p. 116, dá *emprir* como arcaico, baseando-se certamente noutra fonte.

emtruviscada, entroviscada, etc. — Vid. *Inquirições*, I, 92, sec. XIII: *intorviscada*, e passim; e G. Barros, III, 50.

envailhas, vasilhas. — Aquella fôrma representa **envajilhas*, e assim se deve ler.

enader. — Póde ser variante ortografica de *emader* = *ēader*, ou corresponder ao hesp. arc. *eñader*, com *n* < > *nn* > *ñ*.

enallenar. — Leia-se *ēalhēar*.

encarar. — Leia-se *ençarrar*, pois quer dizer «fazer concluso». — Já o S.º Epiphânio Dias fez a emenda: vid. *Falcão*, p. 104.

encenssoria. — Cf. *Inquirições* de 1258: t. I, p. 302, col. 2.ª

encientes. — Viterbo define: «pouco antes», sem dar exemplos. É possível porém que a palavra corresponda a expressões adverbiais como: *a escient* «certamente», *d'escient* «scientemente», em francês antigo; *ad essien* em provençal; *a scentre*, em italiano antigo.

encomunhas, incomuniados. — Cf. nos *Dipl. et Chartae*, n.º 138, p. 85: *incommuniatos nostros*.

Endovelico. — Cf. *Religiões da Lusitania*, II, 111-146.

enduzer. — Não de *induerere*, mas de *inducere*.

enfiar. — Vid. *Flores de dereyto*, ed. de Paulo Merêa, p. 21, l. 144.

enprimo. — Não do lat. *inprimis*, mas de *in primo*.

entejo, aversão, etc. — O P.^o Viterbo acrescenta que o povo dizia no seu tempo *entojo*; mas *entojo* (ou *antojo*) tem outro significado: vid. infra. — Não o substantivo *entejo*, mas o verbo *estejar*, conheço-o ainda hoje no povo.

entença, demanda. — Não de *intendere*, *intentio*, mas de *entençar*, arquivado pelo P.^o Viterbo logo a seguir, verbo que faz pressupor a existencia de **intentiare*, por *intentare*; cf., quanto á fôrma, **captiare*, por *captare*. — Nas *Flores de dereyto*, já citadas, lê-se: «éé *entêça* de béés», onde parece significar posse: em tal caso, estará por **enteença*, de *-tenentia*.

entojos. (No *Dicc. portat.*, e vid. supra, s. v. *entejo*). — Cf. C. de Figueiredo, *Novo Diccion.*, s. v. «*antojo*».

entradas. — Vid. o que sobre o assunto diz G. Barros, III, 836-846.

entramen, entretanto. — Num doc. de 1292, que porém o A. não especifica. — Fôrma viva, ou abreviatura (ou erro?) de *entremente*? A palavra *entremente* deve estar pleonasticamente por *entre mentre* (dum inter > **do-mentre*). Também se diz *entrementes*, com o -s adverbial.

entregue, «adj., inteiro, sem quebrar, etc.», e cita-se de 1312: «dardes luytosa *entregue*, e colheita d'El-Rey». — Deve ler-se *êntregue*, com o acento no primeiro e, pois temos aqui o adverbio latino *intēgre*, que foi mui usado na idade-média. No nosso texto tem valor adjectival, como diz Viterbo, e como consta do adv. *entreguemente*, que ele menciona a seguir.

entreguemente. — Vid. o vocabulo anterior.

(*Continúa*).

J. LEITE DE VASCONCELLOS.